



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Novos Ângulos do Problema Amazônico

Cosme Ferreira Filho

fac-similado N.º 65



COSME FERREIRA FILHO

NOVOS ÂNGULOS
DO PROBLEMA AMAZÔNICO

(FAC-SIMILADO)



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © 2002 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Antônio Auzier Ramos

CAPA

Vanusa Gadelha / KintawDesign

PROJETO GRÁFICO

KintawDesign

AmM Ferreira Filho, Cosme.

F.76

Novos Ângulos do Problema Amazônico / Cosme
Ferreira Filho (fac-similado). Manaus: Edições Governo
do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura,
Turismo e Desporto, 2002.

28 p. Coleção Documentos da Amazônia n.º 65

Raro

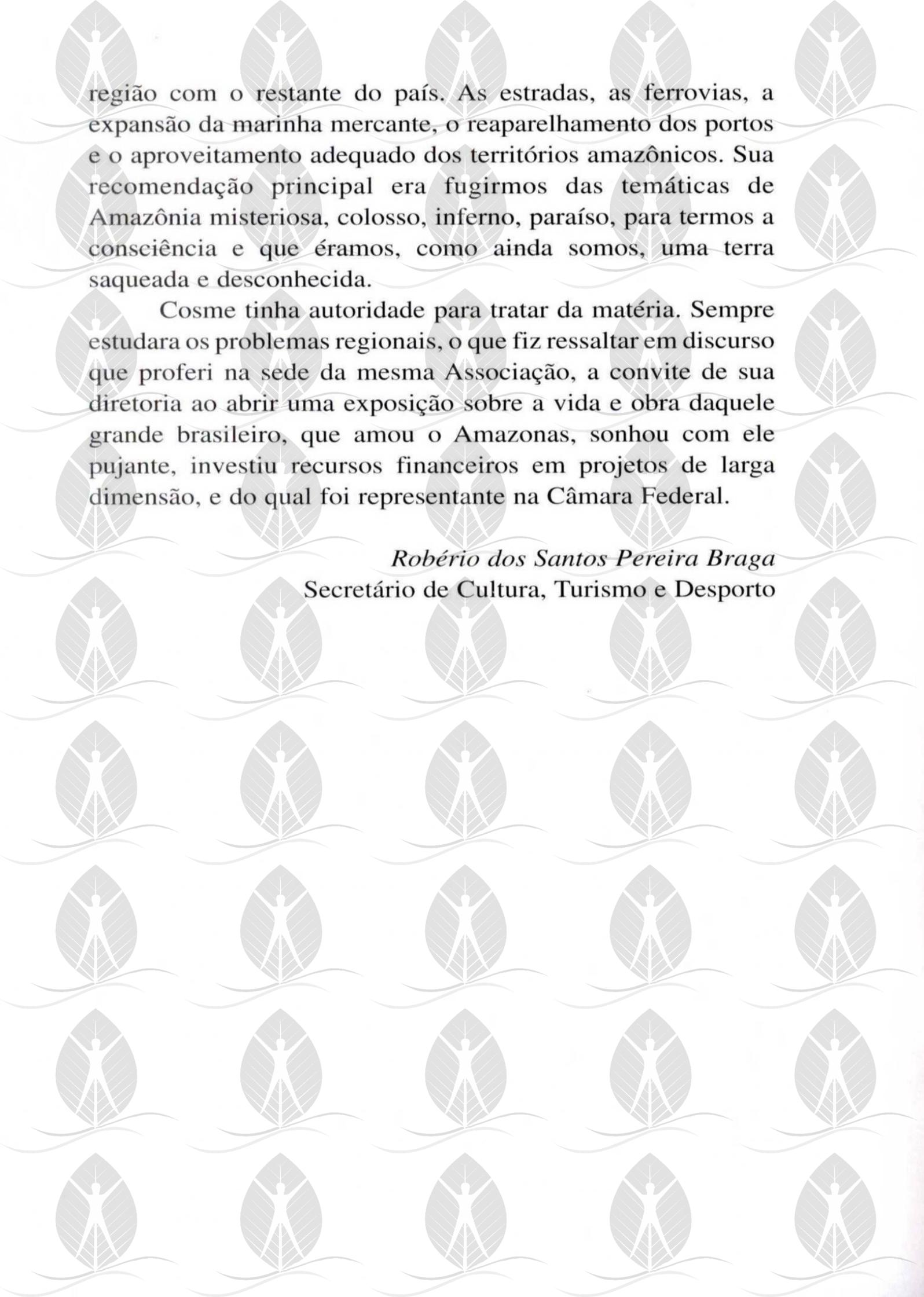
Apresentação

Esta coleção – *Documentos da Amazônia* –, das *Edições Governo do Estado do Amazonas*, tem servido, desde a sua criação em 1997, para reeditar estudos referenciais de uma época, que possam servir a reflexão atual sobre problemas que têm sido constantes na nossa região, e em particular no Estado.

Selecionados a partir das peças existentes na Biblioteca Pública e na biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, finalmente organizadas e informatizadas, não raro retirei, do meu próprio acervo, recolhido em muitos anos de pesquisa, vários deles para que pudessem ser disponibilizados aos pesquisadores de agora.

Novos Ângulos do Problema Amazônico, lançado em 1954 pela Associação Comercial do Amazonas que sempre se constituiu em centro de estudos e análises de questões do interesse local, reunindo os mais diversos analistas e estudiosos, é uma palestra proferida pelo poeta, acadêmico e escritor, Cosme Ferreira Filho, em 19 de julho daquele ano, para uma platéia seleta. Tratava-se de mais um visita de reconhecimento regional do país, levada a efeito pela Escola Superior e Guerra – ESG, sob a direção do general Oswaldo Cordeiro de Faria que, anos depois, teria papel preponderante na revolução de março de 1964.

O que se discutia à época eram planos de valorização econômica da Amazônia, o processo de crescimento do seu organismo social, cujo sentido filosófico e pragmático, e Cosme procurou apresentar para uma reflexão em conjunto com aqueles futuros altos oficiais do Exército brasileiro. A tese principal era transformar o país em potência mundial, para o que, sem dúvida a região amazônica poderia contribuir de forma decisiva. Era preciso estar atento a necessidade de ligação da



região com o restante do país. As estradas, as ferrovias, a expansão da marinha mercante, o reaparelhamento dos portos e o aproveitamento adequado dos territórios amazônicos. Sua recomendação principal era fugirmos das temáticas de Amazônia misteriosa, colosso, inferno, paraíso, para termos a consciência e que éramos, como ainda somos, uma terra saqueada e desconhecida.

Cosme tinha autoridade para tratar da matéria. Sempre estudara os problemas regionais, o que fez ressaltar em discurso que proferi na sede da mesma Associação, a convite de sua diretoria ao abrir uma exposição sobre a vida e obra daquele grande brasileiro, que amou o Amazonas, sonhou com ele pujante, investiu recursos financeiros em projetos de larga dimensão, e do qual foi representante na Câmara Federal.

Robério dos Santos Pereira Braga
Secretário de Cultura, Turismo e Desporto

Uma vez mais, homens ilustres de outros quadrantes do país vêm olhar e sentir de perto a Amazônia, realizando aquele "desejo que parece morar no coração de todos os brasileiros". A ânsia de conhecer os recessos, as singularidades e as presumidas riquezas dêste "mediterrâneo de águas doces" ou "terra imatura", "derradeiro capítulo do Gênesis" ou "futuro celeiro do mundo", no conceito de escritores e cientistas, que aqui se detiveram em contemplativa perplexidade, foi e será, por muito tempo ainda, imoderada ambição de quantos possuem mocidade de espírito e a fome, nunca saciada, das emoções inapagáveis.

Mas os que agora transpuseram, pelos caminhos luminosos do céu, os limites verdes da Hiléia, não vieram apenas impelidos pela sedução do inédito ou pela atração da novidade e do imprevisto.

Trouxe-vos ao setentrião brasileiro, senhores oficiais e generais das nossas gloriosas fôrças armadas, o cumprimento de um dever. Realizais uma ronda missionária, cuja motivação é o generoso impulso de verificar, **in loco**, o que somos e o que valem, em termos de poder econômico e de substância humana, como partes que representamos, em população, território e riquezas, de uma nação que abre caminho para o futuro, num dos mais céleres e impressionantes movimentos de expansão que a História registra.

Supomos, porém, que à vossa indagação não interessam referências históricas, os algarismos das estatísticas e os inquéritos especializados, já de vosso pleno domínio. Conheceis o passado geológico da planície e os abundantes dados analíticos, resultantes de investigações a que a Amazônia vem sendo submetida, de há alguns anos a esta parte. Os arquivos dos ministérios públicos refertam-se de relatórios e exposições, debatidos e divulgados, e os anais da Comissão de Valorização da Amazônia guardam, para uso oportuno e adequado, os mais completos

balanços, onde a terra e o homem amazônicos, suas possibilidades e carências são perquiridos e estudados. Completam essas noções catálogos e monografias, que haveis tido ensejo de compulsar, em outras ocasiões, no empenho sadio de saber das coisas e das gentes dêste pedaço do Brasil.

Eis por que, recebendo a incumbência de falar-vos sôbre matéria já objeto de tão profundos, acurados e valiosos estudos, sentimos receio de dizer-vos o que já sabeis, numa repetição impertinente de conceitos, dados e conclusões que, por sua extensão e diversificação, poderiam constituir verdadeiro código ou carta social e econômica da Amazônia.

Esforçar-nos-emos, todavia, por fugir a essa desnecessária reincidência, tentando apresentar-vos o problema por ângulos novos ou supostamente novos, distanciados, tanto das injunções do imediatismo econômico como da política doméstica, que limitam a equação humana, nas terras da planície, à tarefa primária de higienizar e curar seus habitantes e de fortalecer-lhes a economia.

Até os nossos dias e mesmo nesta fase em que a nação começa a ter consciência de suas responsabilidades, como possuidora dêste enorme patrimônio, não foi a Amazônia considerada à luz de fatores e circunstâncias outras que não as de sua participação imediata no complexo brasileiro, como termo de rotina em sua economia de produção e no processo de crescimento de seu organismo social.

Ainda agora, o movimento que pretende valorizá-la, através de medidas de assistência aos seus habitantes e do aproveitamento disciplinado de suas riquezas potenciais, onera-se da ausência de estudos, envolvendo os problemas de relação dessa área retardada com os destinos do país e as exigências do mundo contemporâneo. Continua faltando uma concepção mais ampla do problema amazônico, em termos de ciência social, de fenômeno político e de fisiologia econômica. Não pode mais a Hiléia ser tratada como um episódio estanque, dentro do panorama brasileiro, numa época em que a interpenetração dos interesses

mundiais, reagindo qual complexo sistema de vasos comunicantes, aglutina povos e nacionalidades.

Impõe-se saber, por conseguinte, como exegese preliminar, dentro dessa concepção, por assim dizer filosófica do problema, se a devemos considerar em função de injunções adstritas ao bem-estar dos brasileiros que a ocupam, neste momento, e de seus interesses de ordem material, cultural e social, ou em função dos interesses nacionais, presentes ou remotos, traduzidos em credenciais de poder econômico e de ascendência política, que o uso adequado e proveitoso dos recursos da Amazônia oferecerá ao país.

No estudo das peças e das contribuições até hoje tomadas como subsídio à elaboração do já histórico plano de valorização que, há mais de cinco anos, se arrasta, morosamente, nos recessos do Congresso Nacional, surpreende-se a prevalência do primeiro desses sentidos. Nada, ali, nos induz à crença de que, por meio da mobilização da Amazônia, se pretenda, deliberadamente, fortalecer o país, levando-o a uma posição de predomínio no cenário mundial. Tudo, nêle, alimenta a presunção de que os objetivos de tão importante movimento se confinam no âmbito dos empreendimentos domésticos, destinados ao corretivo das condições ingratas e antieconômicas em que vegetam as populações planiciárias.

Nada obstante, o verdadeiro sentido dessa valorização, que sòmente uma concepção filosófica do problema amazônico poderia indicar, deve residir no plano maior e mais ousado dos interesses do país, dentro de sua participação no quadro político e econômico internacional.

Alguém já disse que a posse útil da Amazônia transformaria em potência de primeira classe qualquer modesta nação do continente europeu. Esposamos o conceito que proclama, também, nossa incurável desídia. Mas um novo e luminoso capítulo pode ser aberto na história do nosso país. Talvez o maior de seus feitos no plano do trabalho que constrói e engrandece. Com o auxílio da Amazônia, mobilizando e utilizando, em termos universais, suas riquezas de superfície e de subsolo, o conteúdo de seus rios e de suas matas, o rendimento incomparável de suas várzeas agricultadas — riquezas que são petróleo,

minérios, madeiras, óleos, fibras, gomas, peixes e todo um rol infindável de produtos que o mundo procura — o Brasil superará, em breves anos, suas deficiências atuais, alinhando-se, como igual, entre os fortes e os grandes, no cenário mundial.

Cumpre situar a Amazônia em presença dos destinos do Brasil e dos reclamos da Humanidade — o primeiro, em marcha célere para ocupar posição de vanguarda entre as nações; a segunda, atravessando um dos períodos mais críticos de sua história, quando a ciência, depois de entregar ao homem o domínio quase total das fôrças e dos elementos naturais, impõe transformações de base, em suas normas e critérios de vida, tanto nos cenários nacionais, como em suas relações internacionais. Fenômeno que, segundo sociólogos e historiadores, marca o fim de uma civilização, para o ingresso em novo ciclo, no encadeamento dos avanços e recuos do ser humano, em sua peregrinação para o futuro.

Para isso, consideremos, primeiramente, a configuração geográfica do Brasil. Não temos, como os Estados Unidos da América do Norte, o privilégio de ser uma nação bifronte, possuindo, de um lado, as rotas marítimas do Atlântico, recebendo a influência poderosa da civilização européia e, do outro, os caminhos livres do Oceano Pacífico, que oferecem ao seu comércio os imensos mercados asiáticos. Não possuímos, como aquêlê grande país, a situação vantajosa de uma distribuição territorial no sentido Leste-Oeste, assegurando relativa unidade de clima, de produção e de hábitos, onde, mercê dessa ocorrência, as leis promulgadas em Washington não encontram, por fôrça da homogeneidade de condições fisiográficas, obstáculos à sua incidência em tôda a nação. Somos um país lançado no sentido Norte-Sul, justificando a existência de vários equadores de civilização e de progresso, comandados, tanto pela diversificação das nossas riquezas naturais, como pelas diferenças climáticas e rotas internas de navegação. Padecemos, por isso, de uma singular hemiplegia, com o lado atlântico do nosso território vivificado



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**